



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LAURA BENEVIDES ROLAND

**A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: “DIÁLOGOS DO PAMPA” NA PERSPECTIVA
DA EDUCOMUNICAÇÃO**

São Borja-RS

Abril de 2023

LAURA BENEVIDES ROLAND

**A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: “DIÁLOGOS DO PAMPA” NA PERSPECTIVA
DA EDUCOMUNICAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Mídia e Educação da Universidade Federal do Pampa/UAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Orientador: Dr. Geder Parzianello

São Borja-RS

Abril de 2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

R377p Roland, Laura
A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: "DIÁLOGOS DO PAMPA" NA PERSPECTIVA
DA EDUCOMUNICAÇÃO / Laura Roland.
24 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Especialização)--
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E
EDUCAÇÃO, 2023.
"Orientação: Geder Parzianello".

1. mídia. 2. pesquisa. 3. educação. I. Título.

LAURA BENEVIDES ROLAND

**A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: “DIÁLOGOS DO PAMPA” NA PERSPECTIVA
DA EDUCOMUNICAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Mídia e Educação da Universidade Federal do Pampa/UAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 15 de abril de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Prof. Dr. Geder Luis Parzianello
Orientador
(Unipampa)

Prof.a Ma. Sandra Barbosa Parzianello
(UAB/Unipampa)

Me. Rafael Borges Marques
(Bolsista Doutorando PPGCOM/UFPR)



Assinado eletronicamente por **GEDER LUIS PARZIANELLO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/04/2023, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Rafael Borges Marques, Usuário Externo**, em 15/04/2023, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Sandra Regina Barbosa Parzianello, Usuário Externo**, em 15/04/2023, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1104616** e o código CRC **5B56491B**.

A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: “DIÁLOGOS DO PAMPA” NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

THE RESEARCH ON GRADUATION: “DOÁLOGOS DO PAMPA” INA NA EDUCOMUNICATION PERSPECTIVE

Laura Benevides Roland¹

RESUMO

O Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa é descrito, neste artigo, como espaço institucional de formação e aprendizagem na Universidade Federal do Pampa, registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O grupo trabalha na iniciação científica a partir da graduação, tendo seu início no ano de 2010, com alunos de diferentes formações. O estudo traça o percurso de uma aprendizagem por metodologia de observação participante e se oferece como reflexão sobre o valor da formação continuada e sua flexão na direção do tema da mídia e educação. Pensado na perspectiva de uma pesquisa reflexiva, de base filosófica e epistemológica, reúne aspectos dessa aprendizagem como instrumento de partilha social, concluindo sobre a necessidade da pesquisa na graduação e o valor dela para a comunidade externa universitária.

Palavras-chaves: mídia; educação; pesquisa.

ABSTRACT

The Research Group Diálogos do Pampa is described, in this article, as an institutional space for training and learning at the Federal University of Pampa. Registered with the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), the group has been working on scientific initiation since graduation, with students from different backgrounds. The study traces the path of learning by participatory observation methodology and offers itself as a reflection on the value of continuing education and its flexion in the direction of the theme of media and education. Conceived from the perspective of a reflective research, of philosophical and epistemological basis, it brings together aspects of this learning as an instrument of social sharing, concluding about the need for undergraduate research and its value for the external university community.

Palavras-chave em língua estrangeira: media; education; research.

¹ Professora da rede municipal de Cachoeira do Sul, formada em Pedagogia -Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e pós-graduanda em mídia e educação pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e Universidade Aberta do Brasil (UAB). E-mail: lauraroland.aluno@unipampa.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Durante a nossa caminhada de formação, como estudantes, desde a escola à universidade, a realização de trabalhos menos ou mais científicos fez sempre parte da rotina. Trabalhos de pesquisa científica começam mesmo antes de uma consciência exatamente pronta a futuros profissionais e ou a potenciais pesquisadores. É preciso **aprender a fazer**. E isso leva tempo. Requer habilidades experimentadas desde cedo não apenas sobre as práticas em si mesmas, mas sobre a reflexão em torno delas.

Um pintor aprende a pintar imitando os traços nos pinceis de grandes telas, feitos por quem caminhou antes dele na experiência da arte. Com as ciências não é diferente. *Sobe-se nos ombros de gigantes para se olhar adiante*, como se ouve dizer desde as primeiras aulas de metodologia. Como tudo na vida, fazer ciência é aprender fazendo.

É nesse sentido que grupos de pesquisa são essenciais na formação de qualquer pessoa. Obviamente, nem todo mundo tem exatamente uma vocação para a pesquisa mais acadêmica, mas, a reflexão continuada na vida profissional também leva a uma metodologia e a descobertas que promovem o desenvolvimento. E é nos grupos de pesquisa que se pode aprender a fazê-la, ainda na faculdade, ou, melhor ainda, se puder ser experimentada, de alguma forma, ainda na idade escolar, no ensino médio. A pesquisa pode ser teórica, mas também aplicada. E ela não existe apenas só dentro das universidades. Tanto melhor que ela converse com as empresas, com as escolas, com as instituições da sociedade civil organizada.

A experiência vivencial sentida com a participação no Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa (UNIPAMPA/CNPq) foi de muitas formas expressiva e significativa. Foram mesmo momentos de aprendizado, diálogo, de muitas trocas de ideias, escutas e construção de conhecimentos. Durante os encontros do grupo de pesquisa debateram-se diversos temas, tais como: a realização de artigos e trabalhos científicos; as publicações de artigos científicos, ou sobre o jornalismo sensível, sobre a crise das ciências: na perspectiva fenomenológica, por exemplo. Como parte dos membros do grupo é oriundo da área da Comunicação, o tema sempre esteve presente. Além do mais, a convergência com a Educação foi uma constante, o que tornou a experiência vivenciada no grupo um reforço da

aprendizagem sentida no curso de pós-graduação em mídia educação pela Unipampa/UAB e que motiva este artigo como Trabalho de Conclusão de Curso.

O aprendizado de técnicas e métodos científicos incorpora sentido a nossas carreiras, como estudantes. No presente texto, trazemos reformulada uma pergunta de pesquisa no sentido de nossa reflexão quanto à relevância deste aprendizado e sua significância ainda durante a trajetória na graduação. Diante dessa questão, elegemos como objetivo geral deste estudo, identificar o valor deste aprender, não por uma dimensão retórica valorativa, mas por sua efetiva condição prática, isto é, por seu diferencial na constituição do sujeito estudante. Esta nossa questão é fruto de uma contribuição ativa do orientador no desafio da pesquisa e de contribuições vindas de muitas direções por meio do grupo de pesquisa Diálogos do Pampa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO CIENTÍFICO NA GRADUAÇÃO

O curso de graduação traz para o sujeito, o conhecimento teórico e prático sobre a área escolhida. O ambiente acadêmico proporciona diversas experiências, independente da área de atuação do pesquisador, haja vista o caráter interdisciplinar da proposta construtiva. Na universidade, se descobrirá que existem várias possibilidades dentro da mesma profissão. Momento este em que há uma descoberta e produção de conhecimento na área específica escolhida em sintonia com o perfil profissional de cada um (a). Em alguns casos, os educandos descobrem o segmento de sua área de atuação através das disciplinas, pois se proporciona a eles, atingir uma visão ampla.

As responsabilidades do curso com estes aprendizados eram transformadas em valores para o resto de nossa vida profissional, possibilitando-nos o convívio com professores e colegas da mesma área e de outras áreas; a participação de grupos de pesquisas e estudos diferentes, entre outras tantas possibilidades. Desta forma é que entendemos reforçada a ideia de que:

Os cursos de graduação devem propiciar a oferta de referenciais teóricos básicos que possibilitem o trâmite em múltiplas direções, instrumentalizando o indivíduo para atuar de forma criativa em situações imprevisíveis. [...] Para atender a essa exigência, a graduação necessita deixar de ser apenas o

espaço da transmissão e da aquisição de informações para transformar-se no *locus* de construção/produção do conhecimento, em que o aluno atue como sujeito da aprendizagem. (PLANO NACIONAL DE GRADUAÇÃO – PNG, 1999, p. 10).

Nos cursos de graduação, é fundamental que as práticas de iniciação científica aconteçam. Só que, infelizmente, no Brasil, esta não é uma realidade. A iniciação científica, “muitas vezes é compreendida como um problema significativo que deve ser superada somente ao final de um curso de graduação” (LIMA, MATOS e SOUZA, 2021, p. 69). E a pesquisa organizada acontece mesmo, quase sempre, apenas nas pós-graduações, nas especializações, e depois, nos mestrados e doutorados. É um enorme equívoco.

Trabalhar com educandos na realização do passo a passo não deve ser apenas objeto de um componente curricular isolado na matriz sequencial de um curso de Licenciatura ou Bacharelado. Esse passo a passo precisa vir na forma de uma experiência real de pesquisa, a qual pode acontecer tanto pela forma empírica de uma investigação autoral quanto pela experiência compartilhada da escuta recorrente de práticas de quem já faz pesquisa há mais tempo.

Faz-se necessário trabalhar com os estudantes na graduação e realizar trabalhos científicos, não apenas como forma de tornar profissionais mais capacitados e preparados para realizarem a pós-graduação, sendo que isso também é essencial para um pesquisador, mas, também para verem os problemas sociais que existem e encontrarem melhorias, soluções para o seu dia a dia e para a sociedade em que vivem, melhorando a vida nas suas comunidades. Não podemos esquecer que os trabalhos científicos desenvolvidos por muitos pesquisadores são essenciais para o desenvolvimento econômico, social e tecnológico de um país.

Produzir um artigo científico é uma oportunidade para novas descobertas, estudos que não foram terminados avancem, surgimento de novas investigações e até mesmo descobrir um erro em uma pesquisa, sendo assim, torna-se a dizer, de grande importância escrever artigos e publicá-los (ARAÚJO, COSTA e LIMA, 2021, p. 08)

Conforme o Jornal da Universidade de São Paulo (2021)², O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a principal agência de fomento à pesquisa do governo federal, teve o orçamento drasticamente cortado

² <https://jornal.usp.br/?p=425214>. Acesso em: 22/03/2023.

nos últimos anos. “De 2012 para 2021, a redução é de dramáticos 84% — de R\$ 11,5 bilhões para R\$ 1,8 bilhão, em valores atualizados pela inflação” (ESCOBAR, 2021). Bem como se fez sentir a redução da oferta de bolsas de pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado), que são à base da maior parte da mão de obra da produção científica nacional. Apenas recentemente o governo federal decidiu reajustar o valor pago a mestrandos e doutorandos no país, pois as bolsas estavam há mais de 12 anos sem qualquer reajuste.

Para Souza et.al. (2020), há uma série de problemas que dificultam e desmotivam as atividades de pesquisa no Brasil. Alguns deles são: escassez de recursos destinados à pesquisa; a burocracia excessiva; a falta de uma equipe de apoio para captação de recursos ou gestão dos projetos; sobrecarga dos pesquisadores que atuam, concomitantemente, com atividades de ensino, gestão e extensão; infraestrutura deficitária para a pesquisa; baixa interação dos pesquisadores com outras instituições para o desenvolvimento de parcerias; e a dificuldade de atender demandas da sociedade e que surgem como barreiras facilmente reconhecidas.

Devido às barreiras para realizar pesquisas científicas no Brasil, uma grande parte destes estudantes acaba procurando oportunidades para atuar fora do país. E, apesar das grandes barreiras, os pesquisadores têm uma produção de qualidade, levando o Brasil a ganhar destaque no cenário internacional. São as pesquisas ou os estudos que proporcionam a resolução de problemas que se encontram no dia a dia da sociedade. Sem a ciência, um país nunca se desenvolve.

A prática da escrita científica, com os trabalhos científicos, propriamente, é claro que sempre se torna algo fundamental para a ampliação do conhecimento e para a democratização deste conhecimento dito então, científico. “A iniciação científica (IC), [...], refere-se a uma atividade que inicia o aluno de graduação na produção de conhecimento científico” (BRIDI, 2015, p. 13) embora no Brasil isso ainda aconteça com frequência só muito mais tarde, como já dissemos.

É fato que será a partir do diálogo entre pares e da escrita ativa ensaiada na universidade, e preferencialmente desde a graduação, que alunos vão sair profissionais capazes de lerem a realidade e construir novas práticas, apoiando-se em conhecimentos e tecnologias já existentes e exercitando o processo de avançar, criativamente, implementando também novas práticas. É o que os tornará

capazes, afinal, de realizar um artigo científico que lhe trará uma boa experiência de formação profissional, e que contribuirá para enriquecer não apenas formalmente o seu currículo, mas para aumentar exponencialmente as suas chances de obter uma melhor colocação no mercado de trabalho.

“A ideia não é fazer dos alunos necessariamente —pesquisadores profissionais, mas profissionais pesquisadores, a saber, que sabem recorrer à pesquisa como forma permanente de aprender e renovar-se” (ARANTES e MAGALHÃES, 2013, p. 3). Pois neste desenvolver da pesquisa, o aluno amplia sua capacidade de questionar, de pensar, de problematizar, aguçando a sua curiosidade e aplicando o conhecimento à sua realidade, frente aos recursos e condições distintas disponíveis. Envolver o aluno no mundo da ciência se torna uma ferramenta fundamental para formação de um conhecimento embasado em fatos concretos e reais, permitindo-lhe trilhar sobre o mundo da sabedoria, bem como proporcionando a sua busca por novos conhecimentos. E muitas vezes “a pesquisa inicia-se a partir da curiosidade na observação ao mundo. Esta observação curiosa gera então uma dúvida a respeito de algo que não conhecemos ou do qual duvidamos. [...]. Da busca pela resposta pode surgir então uma pesquisa científica” (CLARK e CASTRO, 2003, p. 68).

Na graduação, a pesquisa científica não pode apenas ser o objetivo de ocupar o tempo do educando, pois, envolver os acadêmicos na iniciação científica, como em sala e como em grupos de pesquisa, tem como foco formar pessoas curiosas acerca do que se passa no mundo, proporcionando a que este aluno seja o próprio construtor do seu conhecimento. E conforme Araújo, Costa e Lima, (2021, p.08), “a divulgação de artigos tem acrescentado conhecimento a todos os que são bons leitores e que procuram está sempre informados”. O Plano Nacional de Graduação – PNG de 1999, aponta para a importância da pesquisa na graduação, por se constituir num espaço onde o aluno atua como sujeito de sua aprendizagem:

Positivamente, a lógica desta formação é a da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Ensino com extensão aponta para a formação contextualizada às agudas questões da sociedade contemporânea. Ensino com pesquisa aponta para o verdadeiro domínio dos instrumentos nos quais cada profissão se expressa, em seu próprio processo evolutivo. [...] Evidentemente, este conceito pedagógico exige um novo diálogo interdisciplinar, uma organização curricular que acolha, ao eixo científico básico que informa a área de conhecimento relacionada à atuação profissional, a contribuição de ciências conexas. Ele supõe, igualmente, educadores afeitos às questões da investigação e às indagações acerca

dos rumos da sociedade contemporânea (PLANO NACIONAL DE GRADUAÇÃO – PNG, 1999, p.13).

Em uma pesquisa científica, sua realização se materializa já na leitura e interpretação dos dados sejam bibliográficos ou empíricos, desenvolvendo alguma autonomia intelectual ao sujeito aluno. São os trabalhos acadêmicos, propriamente, em seu teor mais científico, que fazem a comunicação real entre estudantes, educadores, pesquisadores e a sociedade organizada.

Eles funcionam como instrumentos, ao final de contas, para exporem-se ideias, reunirem-se informações e disseminarem-se novos conhecimentos, só que de forma padronizada e sistematizada, visando-se, com isso, uma melhor compreensão de seus receptores, seja na mesma área de pesquisa ou em quaisquer outras áreas afins.

Para o ensino com pesquisa, é preciso que os acadêmicos possuam uma familiaridade com as ferramentas de investigação e proponham-se a ter um olhar reflexivo do qual a pesquisa depende. A falta de oportunidade desse aprendizado na graduação acentua a necessidade de alunos que precisam ter a oportunidade de aprender esses processos ainda que apenas durante o seu processo de pós-graduação.

2.2 GRUPOS DE PESQUISA: UMA PARTICIPAÇÃO ESSENCIAL NA GRADUAÇÃO

As participações em grupos de pesquisa e a realização de trabalhos científicos durante a graduação são pontes de conexão entre os educandos da graduação com os projetos da Pós-Graduação e, principalmente, uma formação profissional com qualidade. Esta relação não é apenas um processo institucional e instrucional, mas um investimento formativo do sujeito.

São as participações em grupos de pesquisa que colocam o acadêmico em contato com o trabalho nas linhas de pesquisa dos professores envolvidos, proporcionando que eles ofereçam uma orientação experiente e acabem, por meio dela, estimulando o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes e a sensibilidade para a investigação qualificada. O aprendizado de técnicas e métodos científicos incorpora sentido a nossas carreiras, como estudantes.

(...) o que pode encontrar como uma contribuição significativa na atividade de pesquisa dado sua qualidade de instigar no acadêmico o olhar crítico e o rigor metodológico, permitindo o desenvolvimento da atitude investigativa, aprofundamento teórico e o ganho de qualidade na intervenção. (ARANTES e MAGALHÃES, 2013, p.02).

Conforme o Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, apenas é considerado grupos de pesquisas aqueles que estiverem devidamente cadastrados e registrados no Diretório e nas instituições de ensino nas quais estejam funcionando. No Brasil, os grupos de pesquisa são regulamentados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq). O CNPq tem como foco fomentar a pesquisa científica, incentivar a formação de pesquisadores no país e sistematizar os grupos de pesquisa no país.

No censo de 2016, estão registrados mais de 35.000 grupos de pesquisa no CNPq. O crescimento do número de grupos cadastrados em 2016 em relação a 2002 foi de 149%. No censo de 2016, o número de grupos cresceu 6% em relação a 2014. O crescimento percentual do número de grupos cadastrados 2016 em relação a 2014 por unidade da federação foi: Norte: 15%, nordeste: 7%, centro-oeste: 9%, sul: 9% e sudeste: 3%. No censo de 2016 foram registradas 147.392 linhas de pesquisa, assim distribuídas: 18% nas Ciências Humanas, 16% nas Engenharias e nas Ciências da Computação, 15% nas Ciências da Saúde, 12 % nas Biológicas, 12% nas Agrárias, 11% nas Ciências Exatas, 11% nas Sociais Aplicadas e 5% em Linguística, Letras e Artes. Individualmente, as áreas de Educação, Medicina, e Agronomia são as três maiores em número de linha de pesquisa (DIRETÓRIO DE GRUPOS DE PESQUISA DO CNPq, 2016).

Cada grupo de pesquisa tem sua organização, alguns grupos se encontram semanalmente, quinzenal ou mensal. Nesses encontros, os participantes debatem temas, trabalham conceitos, interagem em um projeto em comum ou compartilham os trabalhos já realizados. Publicam suas pesquisas, artigos, livros acadêmicos e artigos científicos, em periódicos ou livros. A participação em um grupo de pesquisa é uma oportunidade de convívio, portanto, com outros estudantes e pesquisadores, e de poder desenvolver habilidades diferentes dos conhecimentos aprendidos em sala de aula, aprofundando-se temas que são do interesse do pesquisador e benéficos a uma comunidade.

O grupo de pesquisa é composto por pesquisadores e estudantes em torno de uma ou mais linhas de pesquisa de uma única área do conhecimento ou de outras áreas afins, como descreve Mainardes (2022, p. 02), sempre com o objetivo de desenvolver pesquisa científica de forma colaborativa e coletiva, a partir do compartilhamento de temas de estudo e dentro de linhas de pesquisa. Os grupos de

pesquisa, de forma geral, parecem assim contribuir de forma bastante significativa, proporcionando aos acadêmicos o conhecimento ampliado, que ocorre por meio de leituras prévias de artigos científicos e de discussões, visando ao aprimoramento das escritas, assim como a produção dos artigos científicos e de livros.

São momentos onde o educando “deixa de ser sujeito passivo e passa a ser agente ativo e, juntamente com o professor, constrói o seu próprio conhecimento” (LIMA, MATOS e SOUZA, 2021, p.69). Esta autonomia não é apenas essencial para educandos do ensino fundamental ou médio, mas também é importante para estudantes de graduação; são nesses espaços em que deve ocorrer o incentivo à realização de trabalhos científicos com a “voz” do acadêmico e a participação em grupos de pesquisa para ampliar seus horizontes.

Os trabalhos compartilhados por pesquisadores, independente do aprofundamento de temas e do nível das leituras é sempre um estímulo a mais discussões nos encontros do grupo e favorecem ao desenvolvimento da produção não só de um artigo científico, mas de uma compreensão dos sujeitos sobre o trabalho intelectual em curso.

Conforme Massi e Queiroz (2015, p.115):

A introdução do aluno no mundo da ciência constitui-se em uma tarefa na qual não se repassa somente o conhecimento acabado, pronto. É muito mais, transmite-se como o saber é gerado, permitindo ao estudante ajustar-se aos avanços do conhecimento. O aluno que recebia informações do professor é levado ao debate e ao exame das ideias. Portanto, é importante, inclusive, ensinar o estudante a pesquisar mesmo antes do ingresso no curso superior (MASSI e QUEIRIZ, 2015, p.115).

A universidade oferecia, assim, aos membros do grupo, a convivência com várias pessoas diferentes; métodos variados; riquezas intransponíveis. Participar de um grupo de pesquisa não é apenas conhecer e aprender a realizar um trabalho científico, mas também, aprender a realizar uma pesquisa na sua concepção, aprendendo a ter um olhar mais social e, principalmente, aprender a escrever/se expressar. Bem como, fornece de fato as ferramentas importantes para desenvolver estas habilidades em todos que participamos assiduamente dos encontros semanais, inseridos que estávamos de alguma forma ainda mais dentro do mundo acadêmico, a partir de conceitos de colaboração e de coletividade.

A oportunidade da convivência, de estar junto, aprender junto e de fazer junto, da aprendizagem compartilhada, do conhecimento de uns com os outros, das interações e das intenções de cada integrante do grupo, quando liderada com princípios norteadores e ancorada em conhecimento científico sólido, tem o potencial de se transformar em um espaço de desenvolvimento pessoal e profissional (ROSSIT e at al., 2018, p. 02).

Entre as diversas possibilidades que um curso de graduação nos proporciona, na perspectiva deste estudo, nos parece estar direcionada a de desenvolver um diálogo sobre os grupos de pesquisa e nos grupos de pesquisa. Acreditamos que os grupos de pesquisa vão muito além do mundo acadêmico, pois também alcançam a nossa carreira profissional, nos qualificando para além da formalidade da pesquisa. Eles, os grupos de pesquisa é que nos proporcionam a maior parte das ferramentas importantes para desenvolvermos habilidades profissionais e para além do mundo universitário, ampliando assim os conceitos que tínhamos de colaboração e de coletividade.

Assim como, além da troca de experiência e do conhecimento, a iniciação a pesquisa científica na educação e no ensino permite a comunicação entre as diferentes áreas, promovendo o desenvolvimento de propostas educativas interdisciplinares, ampliando e aprofundando os conhecimentos dos acadêmicos. Desta forma, o acadêmico “na qual [...] é agente ativo, comprometido, responsável, capaz de planejar suas ações, assumir responsabilidades, tomar atitudes diante dos fatos e interagir no meio em que vive contribuindo, desta forma, para a melhoria do processo ensino-aprendizagem” (FAVARÃO e ARAÚJO, 2004, p. 104).

A interdisciplinaridade tem o objetivo de conferir ferramentas para enriquecer a visão de mundo dos educandos. Interdisciplinaridade busca a intersecção entre conteúdos de duas ou mais disciplinas para permitir que o aluno elabore uma visão mais ampla a respeito do fato. “Nesse contexto, a interdisciplinaridade representa a possibilidade de promover a superação da dissociação das experiências escolares entre si, como também delas com a realidade social” (FAVARÃO e ARAÚJO, 2004, p. 106). Sendo assim, o educandos compreende que um mesmo fato pode ser observado e estudado a partir de diferentes pontos de vista. Tornando um pilar para a construção do pensamento crítico sendo capaz de questionar as informações, apurar sua veracidade e aceitar que pode existir mais de uma resposta para um mesmo fato.

2.3 UMA EXPERIÊNCIA NO GRUPO DE PESQUISA DIÁLOGOS DO PAMPA

O presente estudo foi desenvolvido a partir de vivências como aluna do curso de pós-graduação em Mídia e Educação no Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), pautado na participação em atividades de grupos de pesquisa da mesma Instituição. As minhas participações nas atividades no grupo de pesquisa iniciaram no ano de 2022, todas as quartas feiras do mês, a partir das 19h30, através do Google Meet. O link com acesso à sala era sempre enviado via e-mail e a temática a ser discutida naquele encontro era compartilhada antecipadamente.

Os encontros visavam à construção de conhecimentos, à divulgação de eventos científicos e à discussão de assuntos relacionados à área de pesquisa no grupo. Durante os encontros, os participantes do grupo de pesquisa eram constantemente estimulados a participar das atividades propostas, interagindo e cooperando. Com a participação no grupo de pesquisa foram desenvolvidas diversas atividades relativas à pesquisa científica, seja em relação ao aprofundamento de temas a partir de leituras e discussões no grupo, seja pelo desenvolvimento de atividades como a produção de artigos científicos, por exemplo. São momentos importantes para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e para as habilidades de iniciação científica.

Para acadêmicos que ainda não tivessem participado de algum grupo de pesquisa, como eu, inicialmente, parecia quase sempre algo bastante diferente do que acabamos vendo e vivenciado na nossa graduação, anos atrás. De fato, estas experiências, em geral, começam muito mais tarde. Porém, conforme se vai participando e se envolvendo nas conversas durante os encontros e interações com o grupo, tudo vai se tornando significativo, ou seja, fazendo parte da rotina de estudos, nos levando a compreendermos cada vez melhor as reflexões dos palestrantes convidados, dos membros pesquisadores, colegas e visitantes esporádicos. Ao mesmo tempo, começa-se a fazer um intuitivo levantamento de hipóteses e reflexões sobre os temas e a pesquisa vai se dando, naturalmente.

É o caso do que vimos acontecer nestes dois anos de participação junto ao Grupo Diálogos do Pampa. Foi lá que aprendi a aprender escutando, convivendo semanalmente com diferentes pessoas, sujeitos envolvidos de formas muito

diferentes com o desafio de fazer ciências sociais e humanas, sobretudo, num país como o nosso. E especialmente, durante boa parte do período pandêmico da Covid-19, cuja dramaticidade todos conhecemos. Conviver de forma remota naquele período com outros pesquisadores também ajudou a fortalecer vínculos com a academia e cultivar em mim a esperança de me construir como professora e pesquisadora.

São momentos de enriquecimento aqueles, pois, no grupo de pesquisa há uma ampla gama de assuntos, sempre interligados por uma linha mestra ou um projeto guarda-chuva³, de modo que se possam pesquisar objetos sempre muito diferentes, pois há pessoas com formações diferentes, culturas diferentes, com pensamentos diferentes e, ainda assim, reunidas em uma mesma linha de pesquisa, num mesmo ambiente e trocando conhecimentos sobre pelo menos uma perspectiva em comum.

Interlaçando os temas discutidos no grupo de pesquisa com as disciplinas da graduação e da pós, tornava-se a compreensão de problemas científicos cada vez mais práticos e alcançáveis, facilitando o processo de aprendizagem durante a trajetória acadêmica. Nas aulas, desde o início, destacavam-se o uso do método científico e a elaboração de pesquisa científica, proporcionando a que os acadêmicos percebessem novas abordagens e entendimentos, os quais passam a representar a potencialidade de se pensar de maneira lógica e também diferente sobre os fatos cotidianos e a resolução de problemas práticos ligados a eles.

Foi o que ocorreu durante os encontros do grupo de pesquisa, momentos de diálogo à procura de significados e explicações sobre diversos assuntos, com foco em desenvolver trabalho científico de forma colaborativa e coletiva, a partir do compartilhamento de estudos, das pesquisas realizadas durante a graduação e a pós-graduação.

Em uma disciplina da Pós-Graduação em Mídia e Educação que tivemos, chamada Narrativas Midiáticas do Cotidiano, que foi um componente que mostrou essas características que vão ao encontro do trabalho desenvolvido no grupo de pesquisa, tratamos de muitas formas sobre a escrita e variados assuntos. Naquele componente foram exploradas as crônicas narrativas, sendo um gênero que trata do

³ São projetos que se articulam e/ou se desdobram em outros (sub) projetos que são desenvolvidos em parceria com profissionais de outras instituições e/ou centros de pesquisa ou com estudantes em formação nos cursos *latos* e *stricto sensu*.

cotidiano e que apresenta poucos personagens, possui tempo e espaço bem definidos. Além disso, é caracterizada por uma linguagem direta e simples, na qual o escritor desta narração deve procurar observar e estudar ações realizadas por sujeitos ou grupos em seu cotidiano, sempre anotando características e detalhes durante a realização do trabalho, pois aparece, invariavelmente, uma descoberta ou acontecimento novo.

A escrita de uma crônica narrativa pode ser um acontecimento inesperado, assim como algo do cotidiano em que os leitores irão se identificar e que podem acabar sensibilizando o público. Seja um texto que trata de questões referentes à sociedade, seja instituições ou pessoas que detêm o poder sobre os mais vulneráveis, por exemplo. Além disso, durante o processo de escrita é importante oferecer informações que vão proporcionar efeitos de surpresa para manter os leitores curiosos e deixá-los ainda mais instigados com o texto. Após isso, temos que definir e organizar como vai ocorrer a narrativa, pelo que é preciso organizá-la estruturalmente, ou seja, promover uma organização da escrita e de modo que estruturalmente o texto tenha unidade e sentido. Outros componentes conversaram também perfeitamente com as questões colocadas sobre a escrita como artefato da comunicação e em correlação com as mídias e a escola. Trazemos aqui apenas um exemplo.

“Tomamos conhecimento dos outros fatos que ocorrem no nosso pequeno universo ou dos que ocorrem fora dele e na ampliação desse universo, pelos meios de comunicação, que exercem um importante papel através de relatos” (BACCEGA, 1998, p. 9). Independentemente se a informação é uma narrativa, relato ou um artigo científico, só conhecemos o que acontece no entorno do mundo, por meio da comunicação. E como sabemos perfeitamente, houve um rápido desenvolvimento da tecnologia da informação, tornando tudo mais acessível à população em geral, ainda que muitos ainda hoje não tenham acesso a ela. Pensar a comunicação vai além de pensar as narrativas ou o uso da linguagem. Requer que se pensem os meios, os processos, assim como se pense as mídias e o ambiente escolar.

Os trabalhos científicos e os grupos de pesquisa possuem o objetivo de demonstrar e compartilhar todas as experiências coletadas ao longo dos anos a fim de que as pessoas saibam o que mudou nesse tempo e que percursos foram realizados, seja de uma pesquisa a outra ou mesmo de um acontecimento para o

outro. A pesquisa científica tem como função primordial fornecer subsídio à sociedade para que ela seja capaz de evoluir. É uma forma de desenvolver a sociedade, bem como as pessoas que habitam os mais diversos contextos sociais e que dela usufruem.

Sendo assim, ao fazermos a nossa reflexão, percebemos que na escrita acadêmica ou na realização de um trabalho científico não é muito diferente que em outras dimensões do escrever e do produzir comunicacionalmente, há uma semelhança. O pesquisador precisa trazer para sua escrita a realidade em que vive, ou seja, fazer dela um fator social, uma resposta para o problema encontrado no dia a dia. Encontrado o problema, precisa delinear sua pesquisa, pesquisar e realizar observações, trazer uma linguagem direta, organizando sua escrita e a estrutura da pesquisa científica mesmo durante a sua execução.

E o grupo de pesquisa fornecera de fato as ferramentas importantes para desenvolver estas habilidades em todos que participamos assiduamente dos encontros semanais, inseridos que estávamos de alguma forma ainda mais dentro do mundo acadêmico, a partir de conceitos de colaboração e de coletividade.

Durante os encontros do Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa forneceram-se as ferramentas necessárias para a conexão com o mundo da pesquisa, como estudantes de pós e como profissionais da educação. Foi este o sentimento. Além do mais, a importância dos grupos de pesquisa ultrapassa o mundo acadêmico e alcança a carreira profissional, o que se torna duplamente significativo.

O curso de graduação traz para o sujeito, o conhecimento teórico e prático sobre a área escolhida. O ambiente acadêmico proporciona diversas experiências, independente da área de atuação do pesquisador, haja vista o caráter interdisciplinar da proposta construtiva. Na faculdade, se descobrirá que existem várias possibilidades dentro da mesma profissão. Momento este em que há uma descoberta e produção de conhecimento na área específica escolhida em sintonia com o perfil profissional de cada um (a). Em alguns casos, os educandos descobrem o segmento de sua área de atuação através das disciplinas, pois proporciona-se a eles, atingir uma visão ampla.

As ciências se conversam, colaboram entre si. É o que se chama interdisciplinaridade. E tanto melhor se elas falam também com suas comunidades. Temas diferentes sempre eram trabalhados, só que, ao final, estavam sempre

interligados com as disciplinas da pós-graduação Mídia e Educação, ministradas pelos professores da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e da Universidade Aberta do Brasil (UAB) conforme fui sentindo acontecer no decorrer das aulas e das leituras. O Grupo Diálogos do Pampa oportunizou essa vivência interdisciplinar e ajudou a fazer sentido ao conhecimento agregado em mídia e educação ao longo do curso da pós-graduação da Unipampa/UAB.

O acadêmico, ao participar de um grupo de pesquisa tem acesso a diferentes textos e informações compartilhados que possibilitam o contato com diferentes pontos de vista e ângulos de compreensão dos fenômenos e processos de interesse científico. A mídia educação é um problema que pode ser analisado por esta variedade de angulações. A cada nova perspectiva, repensamos usos dos meios na escola assim como o consumo que fazemos da informação em nosso dia a dia. Assim é que acabamos, afinal, contribuindo para a construção de uma visão mais crítica e analítica sobre os fenômenos cotidianos e que vão desde usos impróprios da informação, à desinformação, à tecnologização da vida ou à qualidade do uso das tecnologias digitais e midiáticas na realidade formativa escolar. São nos grupos de pesquisa, portanto, que se desenvolvem as diversas atividades direcionadas à realização da pesquisa científica propriamente dita e particularmente interessante que ela não deva nem precise ser feita apenas por quem já seja um pesquisador completo em sua formação.

3 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo desta pesquisa e responder à questão norteadora, a pesquisa que realizamos foi a de base bibliográfica, pois a mesma tem como “a principal vantagem o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais amplos do que aquela que poderíamos pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 44-45). O estudo bibliográfico procura coletar reflexões sobre determinado assunto para se tornar, mais tarde, respaldo na elaboração de um referencial teórico que norteará a construção da argumentação da pesquisa realizada. Foi assim que aprendi a ter a humildade de não saber e a criar a consciência de que é possível e necessário que se construa esse saber. E que ele vem mesmo aos poucos e precisa de apoios. Todavia, desejávamos também que a

pesquisa bibliográfica fosse pontual, para que o texto não se tornasse excessivamente resenhado, despejando autores em citações.

Assim, a pesquisa foi realizada de forma qualitativa, com fundamentação filosófica e epistemológica (reflexiva e conceitual) por muitas mãos mesmo que inconscientemente, porque estimulada e reconectada semanalmente ao grupo de estudos e de pesquisa. Este tipo de pesquisa que escolhemos “se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2009, p.21). A qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações, tentando compreender o fenômeno, mais do que apenas focar no conceito específico. A abordagem qualitativa se faz sentir na interpretação dos dados coletados durante a pesquisa bibliográfica e durante a observação participante nos encontros do Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa. A observação participante, “ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada” (GIL, 2008, p. 103).

Desta forma, torna-se uma vivência e uma reflexão para o pesquisador, que deste modo tenta construir uma fundamentação filosófica que se torna igualmente relevante para explicar e descrever fenômenos. No entanto, “embora construa conceitos no seu desenvolvimento, a filosofia permite o acesso ao mundo com um olhar crítico de quem não se conforma com a explicação rasteira oferecida de diferentes formas (televisão, revistas, internet)”, conforme Barbosa e Costa (2015, p. 23).

Na prática, isto equivale a dizer que pensamos sobre o que pensamos estando num grupo de pesquisa, numa metodologia que se conhece como “vivenciada” e de observação participante, com base etnográfica. Uma pesquisa com base em etnografia é uma pesquisa que estuda pessoas, um povo e comportamentos sociais específicos a partir de uma análise profunda sobre os comportamentos, as crenças, os costumes e outras características da comunidade. Ou seja: a pesquisa etnográfica estuda os padrões mais previsíveis das percepções e dos comportamentos na sua rotina diária das pessoas. “Em etnografia observa-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano [...]. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação” (MATTOS, 2011, p. 51). Objetivamente, nossa

observação etnográfica foi, portanto, sobre este grupo, em sua constituição e em suas características e sobre o que aprendemos com esta experiência vivenciada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação num grupo de pesquisa traz um impacto na formação acadêmica e profissional, pois oportuniza construirmos conhecimento em áreas de interesse para nossa futura atuação no mundo do trabalho. Um grupo de pesquisa produz resultados satisfatórios tanto mais quanto começarem a favorecer a que os seus iniciantes participem mais e melhor dos encontros, dado o efeito que isso tem para o ensino-aprendizagem. São espaços de articulação desejável da teoria com o campo prático, estimulando-se a construção de profissionais críticos e reflexivos e capazes de associações progressivas desse aprendizado com as aulas dos seus cursos.

O impacto que a participação em grupos de pesquisa causa aos acadêmicos não se limita apenas a uma problemática gerada a partir de uma discussão científica acerca das temáticas desenvolvidas no grupo de pesquisa, mas, constrói um espaço de compartilhamento de reflexões e experiências aos seus integrantes; um lugar onde se constrói saberes e se constroem profissionais comprometidos com o repensar de suas práticas profissionais. No caso em questão, foi a oportunidade de conferir o sentido dado a problemas de mídia e de educação para além das abordagens dadas em sala de aula, mesmo numa proposta EaD. Foi por meio do grupo de pesquisa que mídia e educação convergiram por diferentes angulações, ressaltando efeitos que se problematizam como sempre novas perguntas de pesquisa. Afinal, professores estão sempre querendo saber mais sobre o uso da mídia na educação, os meios estão sempre mais influenciando comportamentos de consumo e aprender sobre estas realidades requer olhares interdisciplinares, cuja facilitação é encontrada justamente nos grupos de pesquisa mais que e qualquer outro meio ou espaço.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Emerson Clayton; MAGALHÃES, Kelly Sindeaux de. **A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO BRASIL**. Boa Vista – RR: 2013.

ARAÚJO, Jussara Oliveira de; COSTA, Maeli Araújo da; LIMA, Raiclei Silva. **A Importância do Artigo Científico na vida acadêmica**. Criar Educação: Criciúma, 2021.

Baccega, M. A. (1998). **O estereótipo e as diversidades**. São Paulo: Comunicação & Educação, set./dez. 1998.

BARBOSA, Evandro, COSTA, Thaís Cristina Alves. **Metodologia e Prática de Pesquisa em Filosofia**. Pelotas: Dissertatio Incipiens, 2015.

BRIDI, Jamile C. A. A pesquisa nas universidades brasileiras: implicações e perspectivas. MASSI, L., and QUEIROZ, SL. orgs. **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro [online]**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

CLARK, Research Otávio Augusto Câmara; CASTRO, Aldemar Araujo. A pesquisa. 2003.

CNPq. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**. 2016.

ESCOBAR, Herton. **Dados mostram que ciência brasileira é resiliente, mas está no limite**. JORNAL DA USP, 2021.

FAVARÃO, N. R. L.; ARAÚJO. C. S. A. **Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior**. EDUCERE. Umuarama, v.4, n.2, p.103-115, jul./dez., 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. SP: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. SP: Atlas S.A, 2008.

LIMA, Laís Teixeira; CAETANO, Joane Marieli Pereira; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de(org.). **Reflexões sobre o ensino inovador**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 250p.

MAINARDES, Jefferson. Grupos de Pesquisa em Educação como Objeto de Estudo. Cad. Pesqui.: Ponta Grossa – PR, 2022.

MASSI, L., and QUEIROZ, SL. orgs. **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro [online]**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., (Org.). Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 28º ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PLANO NACIONAL DE GRADUAÇÃO. Ilhéus/BA: 1999.

ROSSIT, R.; SANTOS JUNIOR, C.F.; MEDEIROS, N.M.H.; MEDEIROS, L.M.O.P., REGIS, C.G., BATISTA, S.H.S.S. **Grupo de pesquisa como espaço de aprendizagem em/sobre Educação Interprofissional (EIP): narrativas em foco.** Interface: Comunicação, Saúde e Educação, 2018.

SOUZA, Donizeti Leandro de; ZAMBALDE, André; MESQUITA, Daniel Leite; SOUZA, Thais Assis de; SILVA, Nanielle Lourena **Campos da perspectiva dos pesquisadores sobre os desafios da pesquisa no Brasil.** São Paulo: Seção, 2020.